

ENCONTRO DE EX-MORA DO CRUSP E DA INVAS

Daniela
Jorn

Decorridos 40 anos da invasão militar do Conjunto Residencial da USP, o episódio foi rememorado pelos estudantes que ali moravam na época e cujas vidas sofreram uma reviravolta com esse “despedaçar de entranhas”, pois era um local de intensa sociabilidade e importante ponto de apoio do movimento estudantil. Interditado e desocupado por ordem da Ditadura, o Crusp só foi retomado pelos estudantes, por sucessivas ocupações, a partir de 1979



O Exército mobilizou até tanques para a invasão do Crusp, em 1968

DORES REAVIVA MEMÓRIA ÃO MILITAR DE 1968

Alarcon
alista

Agência Estado



“**G**rande era a onda de agitação e desordem no Crusp”, concluiu o Inquérito Policial Militar (IPM)

que apurou as atividades “subversivas” praticadas no Conjunto Residencial da USP até a invasão militar de 17 de dezembro de 1968 — quando centenas de estudantes foram presos e os prédios, interditados. Morria, desse modo, um dos principais espaços de articulação do movimento estudantil no primeiro período do regime militar. “Foi como um despedaçar das nossas entranhas, porque nós éramos muito unidos ali. Às vezes havia divergência nas ideologias, mas a gente formava um grupo coeso, contra um momento terrível, a Ditadura”, diz Margarida Cecília Corrêa Nogueira Rocha. No dia 29 de novembro de 2008, Margarida — ou “Formiga”, como era conhecida quando estu-



Ex-cruspianos reencontram-se: emoções e reconstrução da memória

dante de Pedagogia e moradora do apartamento 501-A — saltava eufórica de um abraço a outro. Nesta data, mais de 600 ex-cruspianos se reuniram no Colégio Notre Dame, em São Paulo, no que foi, para muitos, o primeiro reencontro desde a noite suspensa pelo avanço dos tanques de guerra sobre o campus.

Às portas do quadragésimo aniversário da invasão, Walter da Silva (ou “Teco”, estudante da História, do 608-E) propôs a realização de uma cerimônia, na Assembléia Legislativa do Estado, para recordar o ocorrido. As conversas iniciais com ex-cruspianos contatados avivaram o desejo de um encontro mais amplo e menos formal. Como não havia lista oficial dos

moradores à época da “Operação Crusp”, recorreu-se a uma rememoração coletiva: partindo de cartões de memória (nome, apelido, cidade de origem), resgataram mais de 900 nomes, incluindo cerca de 100 já falecidos. Ao mesmo tempo, criou-se um sítio na Internet (<http://crusp68.rits.org.br>) para servir como repositório de documentos. “Aos poucos, muita gente está escrevendo, relatando fatos bastante dolorosos dessa diáspora. Mesmo sendo tristes, é preciso trazê-los à tona”, diz Celso Suyama, que foi politécnico e morador do 606-C. “É uma parte da história que nós estamos em condição de restaurar porque fomos atores disso.”

O Crusp foi ganho palmo a pal-

mo pelos estudantes. Em 1963, a primeira ocupação. Construído para servir de alojamento durante os Jogos Pan-Americanos, o conjunto fora concebido para se converter, acabado o torneio, em moradia estudantil. Finalidade, porém, só cumprida mediante a pressão dos ocupantes. Após a ação dos chamados “pioneiros”, seguiram-se as ocupações dos blocos F e G, em 1967 e 1968 respectivamente, para fazer frente à falta de vagas. Compunha-se, aos poucos, um espaço de intensa sociabilidade, palco de grupos de estudos, teatro, shows, local de assembleias e ponto de partida para passeatas e viagens de carona. “O Crusp foi uma grande aprendizagem de convivência, onde trabalhamos nossos



Foto: Agência Estado

Populares enfrentam a repressão no Butantã, durante protesto contra a invasão do Crusp

valores, nossas noções de mundo”, avalia Tereza Lajolo, que estudou Geografia, e morava no 501-A, mesmo apartamento de Margarida.

Tomavam forma, também, os espaços de representação cruspianos: de comitês por andares e blocos à Associação de Universitários Rafael Kauan (AURK), surgida em 1967. A “entidade espúria”, como a caracterizou o IPM, homenageava um estudante presente na ocupação de 1963, morto meses depois em acidente, e passou a ter voz e voto nas entidades estudantis já existentes.

Mais tarde, evidências da convivência da universidade com os órgãos de repressão precipita-

Tornaram-se célebres as piadas sobre a revista realizada pela repressão nos apartamentos do Crusp. Provas materiais da “subversão” — livros proscritos, preservativos, e até um despertador! — foram depois expostas ao público...

ram a autogestão do Crusp. “Alguém foi preso e se soube que a ficha dele

foi entregue pelo ISSU [Instituto de Saúde e Serviço Social da Universidade, depois Coordenadoria de Assistência Social, Coseas] ao DOPS.

Então o pessoal fez uma passeata até a Reitoria, jogou todos os arquivos do Crusp pela janela e pôs fogo, aqui na frente. E a gente mesmo começou a administrá-lo”, lembra Mouzar Benedito, estudante de Geografia, morador do 202-F, e autor de 1968, *por aí...: Memórias burlescas da ditadura*.

Inicialmente centrada em reivindicações relativas às condições de vida no Crusp, como a greve de 1965 contra o aumento do preço do restaurante universitário, a mobilização assumiu um corte cada

vez mais contestatório, atacando, para além da burocracia universitária, a própria Ditadura militar. As principais tendências políticas de esquerda estavam representadas ali e parte dos moradores ingressou na luta armada — alguns foram assassinados pela repressão.

Para o primeiro presidente da AURK, Rafael de Falco Netto, um politécnico que habitava o apartamento 609-B, o Crusp era, além de espaço aglutinador, “uma base territorial de muito fácil mobilização”, que dava guarida a líderes estudantis procurados, e onde se tomavam decisões centrais, como a da realização do Congresso da UNE em Ibiúna.

Por conseguinte, era também um alvo. A invasão de 1968 veio apenas quatro dias após a decretação, no dia 13 de dezembro, do AI-5 — saudado pelo Comando de Caça aos Comunistas (CCC), nas duas madrugadas seguintes, com disparos contra os blocos A e F. Por conta desses ataques, os estudantes reforçaram a defesa: “A gente fez umas curvas com umas tubulações de concreto, na rua, e o carro que viesse tinha que entrar fazendo ziguezague, no máximo a 10 km por hora”, lembra Mouzar. “E ficou um pessoal lá com umas bombas molotov, um cara com uma garruchinha. No dia 17, a gente estava esperando uma invasão. Tinha esse esquema de armazenar pedra e garrafa em cima dos prédios, o ziguezague e uma sirene nessa barricada.” Diante de Exército, Força Pública e Polícia Marítima (munidos de baterias antiaéreas e o respaldo do AI-5), não houve reação.

Tornaram-se célebres as piadas sobre a revista realizada pelos agentes da Ditadura nos apartamentos do Crusp, que teria levado à apreensão de perigosíssimos livros, por exemplo *Bombas hidráulicas*. Provas materiais da “subversão” — livros proscritos, preservativos, um despertador suspeito (!) — foram expostas ao público na sede dos *Diários Associados*. À tacinha, combinavam-se arbitrariedade e violência. Tereza e mais duas garotas passaram mal e foram autorizadas a subir para um apartamento — à porta, postou-se um militar. “Nós dissemos para ele: ‘Escuta, como é que você está de metralhadora com três mulheres aqui passando mal?’. Aí ele falou: ‘Olha, para fazer essa invasão nós ficamos quinze dias reclusos e dissemos para nós que vocês tinham bateria antiaérea’. Nós começamos a rir. ‘Moço, nós somos estudantes.’”

O namorado de Margarida pôde permanecer no Crusp, pois estava com hepatite; ao sair da prisão e retornar ao apartamento, ela teve de convencer os militares a deixá-la entrar. “Ele quase entrou em coma hepática, ficou 40 horas sem comer, e teve que ser internado”. Quando Mouzar, depois de solto, ousou exigir dos militares seus objetos pessoais que haviam desaparecido do Crusp interdita-do, foi preso novamente.

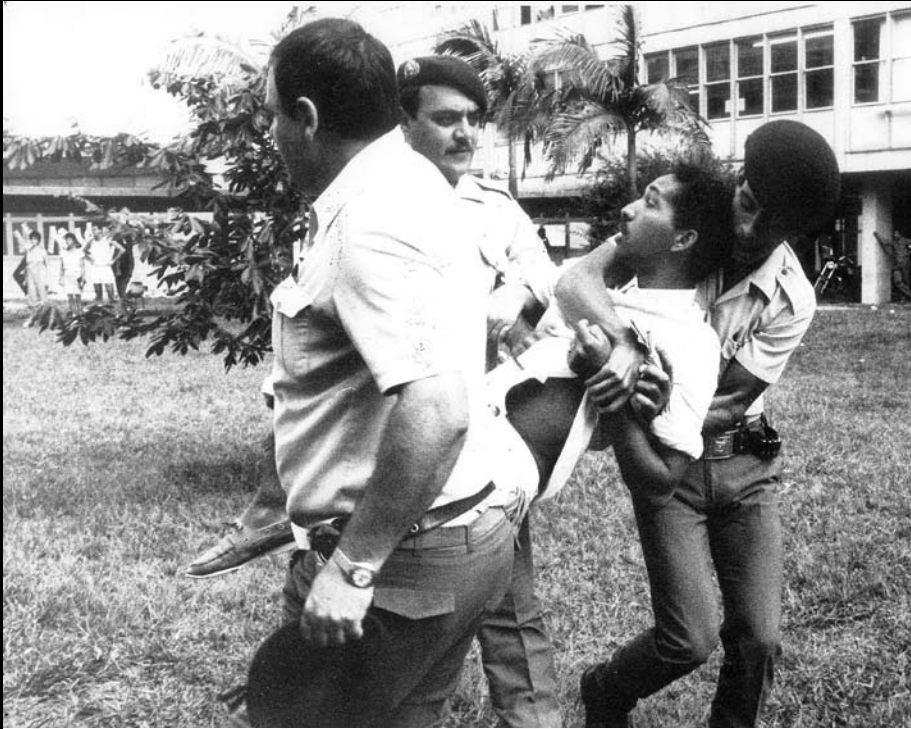
Como arremate ao golpe desfechado contra os estudantes, o



Acima, “Formiga” e Teck no Teatro Novo, nos anos 1960. Abaixo, reencontra uma colega

Daniel Garcia

IPM de 1968 já “recomendava”, em defesa da ordem social e política, a não reabertura do Crusp; para os estudantes sem condições de se manter ao longo do curso, propunha-se a concessão de bolsas-moradia. Seria necessário mais um ciclo de ocupações estudantis, de 1979 a 1983, para que os prédios fossem retomados. “Uma das coisas que mais incomoda é o estado em que se deixou ficar o Conjunto Residencial; parece que foi um plano arquitetado de deterioração do ambiente”, lamenta Suyama. “O que deveria ser um projeto de residência estudantil tornou-se uma excrescência à Universidade, todo mundo olha como se fosse algo a ser suportado, e não algo integrado, que faça parte da formação do estudante.”



Mouzar Benedito, do 202-F:
resistência



Durante a invasão do Crusp houve prisões, como a registrada na imagem maior acima, respaldadas pela presença dos "brucutus", nome dado aos blindados da Força Pública (posteriormente transformada em PM). Os estudantes tentaram resistir por meio de barricadas improvisadas, como se vê na fotografia central. Na imagem ao lado, assembléia estudantil no restaurante do Crusp

